



A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA MUSICAL DE PACIENTES COM DIAGNÓSTICOS DE DOENÇAS POTENCIALMENTE FATAIS

The musical aesthetic experience and patients with life-threatening diagnoses

Thassia Nathália Petrillo¹, Thais Guilherme Martini²

¹Graduada em Medicina. Residente em Clínica Médica - Universidade São Francisco (USF) – Bragança Paulista - SP. E-mail: thassia_rc@hotmail.com. ²Graduada em Medicina. Especialista em Clínica Médica – USF - Bragança Paulista - SP.

Resumo

Diagnósticos de doenças potencialmente fatais são obstáculos que demandam uma quantidade vasta de abordagens para melhor tratar o paciente, e a intervenção musical pode ser uma ferramenta útil nesse processo. Pacientes que recebem a notícia dos seus diagnósticos vivem a experiência musical de formas variadas, seja com a intenção de manter suas identidades, suportar o tratamento, perseverar na sobrevivência e outras questões que surgem com a informação. Além disso, a maneira como interagem com a música é muito diversa, encontrando novas interpretações para composições já conhecidas ou mesmo abandonando suas histórias musicais e convergindo a gêneros completamente diferentes. Reconhecer os padrões e colocar em prática as intervenções que cabem a cada paciente pode ser uma ferramenta efetiva para as aflições por eles relatadas.

Palavras-chave: Música; Cuidados Paliativos; Estética

Abstract

Life-threatening diagnoses are issues that demand an extensive amount of approaches to best treat the patient and the musical intervention could be one useful tool in this process. Patients live the music through the process of being told the life-threatening diagnose in different ways, be it in order to keep their identities, endure the treatment, persevere the survival and other questions that arrive with the information; moreover, the way they interact with music is very diverse, finding new interpretations to known lyrics or even leaving behind their musical history and converging to whole different genres. Recognizing the patterns and putting in practice the interventions that fit may be an effective tool for the afflictions that patients may report.

Keywords: Music; Palliative Care; Aesthetics

Introdução

O consumo de produtos musicais já é um aspecto consolidado da cultura do século XXI, e esse consumo é cada dia mais facilitado pelas inovações e abrangências tecnológicas, que trazem essa experiência cada vez mais próxima das massas. Então, cabe a discussão do valor de incorporar esse hábito no ambiente terapêutico de pacientes com diagnósticos de doenças potencialmente fatais, sua aplicabilidade e sua eficiência.

Objetivo

Mesclar o conhecimento neuropsíquico por trás da experiência musical, que tem aplicações relevantes aos pacientes com diagnósticos de doenças potencialmente fatais.



Método

Foi realizada uma revisão bibliográfica baseada em artigos das principais bases de dados científicos (PubMed e Google Acadêmico), priorizando estudos publicados nos últimos 20 anos.

Revisão da Literatura

Os pacientes que recebem o diagnóstico de doenças potencialmente fatais devem ser considerados em um esquema terapêutico que envolve de forma mais ampla possível opções medicamentosas e não medicamentosas, como é, por exemplo, o caso de pacientes oncológicos que têm sua dor tratada, fazendo uso de modalidades terapêuticas diversas, como métodos físicos, mecânicos, cognitivos e comportamentais (SBP; COSTA JUNIOR; ROLIM, 1993).

Uma vez que a abordagem não medicamentosa tende a ser mais holística, e tem mais possibilidades de abranger as diversas queixas dos pacientes diagnosticados com doenças potencialmente fatais, é válido que seja introduzida e mantida ao longo do tempo, mesmo após a interrupção do tratamento medicamentoso, de maneira a facilitar as adaptações e sustentá-las, uma vez que esses efeitos positivos já foram demonstrados em pacientes com câncer de mama que tiveram tratamento acompanhado de suporte psicológico (SANCHEZ et al., 2019).

A prática de usar música como intervenção pós-operatória com o objetivo de diminuir a dor, a ansiedade e o uso de analgésicos, além de aumentar a satisfação do paciente com os benefícios, tratando-se de uma prática segura, pouco dispendiosa e não invasiva, já vem sendo adotada em abordagens individualizadas e flexíveis entre as equipes praticantes (HOLE et al., 2015).

As crescentes evidências da eficiência da intervenção musical em pacientes com câncer, assim como a tolerância à terapia, a viabilidade da abordagem, além da apreciação por fatores socioculturais são positivas para a inserção e a propagação do conhecimento da prática entre profissionais da saúde, uma vez que os efeitos na redução das taxas de ansiedade e depressão é vista entre as pacientes com câncer de mama que foram introduzidas à intervenção musical, especialmente aquelas que praticaram essa abordagem fora do ambiente hospitalar (GRAMAGLIA et al., 2019).

De maneira geral, a intervenção musical em pacientes com câncer se mostrou efetiva em diminuir a ansiedade, em melhorar sintomas depressivos, em participar de forma positiva no tratamento de manuseio da dor, em diminuir as frequências cardíaca e respiratória, em melhorar a qualidade de vida, em melhorar os prognósticos psicológicos, além de ter pequenos efeitos de maneira global nos sinais vitais, principalmente na pressão arterial (ZHANG et al., 2012).

Além da melhora dos sintomas como dor, ansiedade, depressão, dispneia e humor, a inserção de intervenção musical no cuidado de pacientes em estado paliativo é também relevante, e melhora a postura diante da doença no que diz respeito às capacidades de descrever e entender os sintomas, experiências e emoções que os pacientes vivem por conta de sua condição, além de aprimorar a relação de confiança do paciente com a equipe. O estudo avaliado relatou que a equipe contava com um terapeuta musical, que não era alguém intimidador, que vestia um jaleco branco como o resto da equipe, e era visto como alguém que trazia prazer para o ambiente (GALLAGHER; LAGMAN; RYBICKI, 2018).

Dada a natureza neural da percepção musical, é esperado que o conjunto de fenômenos psicológicos da intervenção musical seja positivo na abordagem de pacientes com diagnósticos de doenças potencialmente fatais por conta das suas capacidades de retomar memórias, movimentos e emoções graças às sobreposições corticais contempladas pela experiência, especialmente aquelas ativadas pela percepção de intervalos melódicos e harmonias e suas interações tonais, temporais e



timbrais com os lobos temporais, responsáveis por uma enorme variedade de processos cognitivos e de identidade (JANATA, 2015).

A música é capaz de modular a atividade em virtualmente todo o circuito límbico e paralímbico cerebral, estruturas que são cruciais para a geração, manutenção e regulação emoções e com grande valor no tocante à sobrevivência dos indivíduos, de modo que essa ativação cortical, conforme sugerem evidências eletrofisiológicas, tem potencial de aprimorar a resposta e precisão motora tanto por modulação direta do córtex motor quanto das estruturas límbicas (KOELSCH, 2010).

A subjetividade apontada pelo paciente em grau de prazer que a experiência musical causa também é um fator a ser considerado na inserção da intervenção musical, sendo preferível, geralmente o uso de faixas musicais escolhidas pelos próprios pacientes (BRO et al., 2018), mas também é relevante o uso de técnicas de identificação de atividade neuronal de estruturas como a amígdala, o hipocampo, o giro parahipocampal, os polos temporais, a ínsula, o corpo estriado, o córtex orbitofrontal e o córtex cingulado para que seja melhor designada a ativação e modulação cortical pela intervenção musical relevante à terapia e aos efeitos desejados (KOELSCH, 2005). Essas áreas cerebrais também estão relacionadas com o desenvolvimento de empatia (WALLMARK; DEBLIECK; IACOBONI, 2018), podendo corroborar para a abordagem coletiva e familiar que geralmente se atribui às terapêuticas dos cuidados paliativos.

As manifestações neuropsíquicas individuais dos pacientes com diagnósticos de doenças potencialmente fatais são capazes, inclusive, de indicar as capacidades de crescimento e desenvolvimento de força pessoal durante o processo do adoecer (LEVY et al., 2019). Essas manifestações incluem o ambiente e os familiares do doente, de modo que, quando se dá adequadamente a descrição e a expressão pelo paciente desses fenômenos, ocorre facilitação do processo de aceitação da perda, do processo de luto e da dor da perda, de ajuste a novos ambientes e de criação de novos vínculos dos familiares (GRANT et al., 2019). Sendo assim, torna-se relevante ser retomado o papel positivo da intervenção musical na capacidade de melhorar as competências do paciente em expressar os seus sentimentos e angústias decorrentes da doença potencialmente fatal.

No que diz respeito ao valor das preferências musicais na aplicabilidade das intervenções musicais, é sugerido na literatura uma imensa gama de fatores que as ligam com potenciais ferramentas de análise cognitiva passíveis de intervenção. É possível prever, de acordo com as preferências musicais, em qual polo do espectro empatia-sistematização (proposto por Baron-Cohen em 2003) dos “tipos de cérebro” um indivíduo se encontra, uma vez que indivíduos no polo empático tendem a mostrar preferência por músicas mais suaves, como R & B e *soul*, assim como músicas mais calmas, gentis e com atributos sensuais, de conotações depressivas e tristes e com profundidade emocional, poéticas e relaxantes (GREENBERG et al., 2015).

As preferências, que são afetadas tanto pelas características sociais quanto sonoras inerentes à música, podem ser divididas em uma estrutura latente de 5 fatores, que são a suavidade, a despreteniosidade, a sofisticação, a intensidade e a contemporaneidade (RENTFROW; GOLDBERG; LEVITIN, 2011), tendo essa divisão relevância científica na categorização e melhor adequação das intervenções terapêuticas de acordo com os fatores observados.

A identificação das preferências musicais também se mostrou efetiva em indicar a relação entre as preferências, vulnerabilidades e comportamentos antissociais, ao suicídio e ao uso de drogas em jovens, não sendo, no entanto, um fator causal (BAKER; BOR, 2008), apesar de haver descrição literária das possíveis consequências do uso de abordagens indutoras de humor tanto de forma positiva quanto negativa (GILET, 2008), sendo a intervenção musical passiva desses vieses.



O conhecimento prévio das preferências musicais do paciente também pode ser útil pelo seu valor preditivo na abertura deste paciente às abordagens terapêuticas, sendo descrito que pessoas expostas a músicas desconhecidas e que reagem bem à exposição tendem a ser mais extrovertidas e mais permissíveis ao novo, sendo observada uma tendência desse grupo à associação diferencial dos traços de personalidade com as preferências musicais (NAVE et al., 2018).

É válido ressaltar que a intervenção musical é ótima quando prescrita como uma abordagem holística, e não para melhorar o desempenho em ações específicas, uma vez que este tipo de abordagem é capaz de melhorar de forma indireta as *performances* pontuais do indivíduo, como observado em adultos com doenças cardíacas que foram sujeitos à terapia musical (CLARK; BAKER; TAYLOR, 2016)

As bases neuronais que explicam o desenvolvimento da percepção estética musical ao longo da vida apontam estruturas que subjetivam a percepção das músicas com elementos tonais e das músicas com elementos atonais, cuja violação da tonalidade e da harmonia é capaz de causar experiências de desconforto. Essa percepção, apesar de ter bases neuronais relativamente bem definidas, também é sujeita a fatores culturais e temporais da experiência do indivíduo, sendo possível descrever a mudança temporal e situacional dessa dualidade e aplicá-la como fator preditivo da evolução e amadurecimento emocional (NIEMINEN et al., 2011). Há espaço para investigação científica mais aprofundada do valor dessas informações no rastreamento e acompanhamento de pacientes vulneráveis em tratamentos crônicos, cujo estado emocional é fator determinante para a qualidade prognóstica de suas condições. Este é o caso de pacientes diagnosticados com doenças potencialmente fatais e em cenários paliativos, uma vez que é possível que haja conciliação entre as respostas das “emoções cotidianas” e as respostas induzidas por “emoções estéticas” (JUSLIN, 2013).

É possível melhorar a triagem do paciente com questionamentos a respeito de seus comportamentos musicais e, com isso, reconhecer que determinadas alterações nesses comportamentos podem significar vulnerabilidade, para que, nos momentos de diagnóstico, tratamento e na terapia paliativa, possam ser entregues as melhores experiências musicais de forma simultânea às abordagens convencionais, uma vez que essa atitude pode melhorar a resistência e qualidade de vida, como pode ser observado em pacientes com câncer submetidos a esse modo de aplicação terapêutica (O’CALLAGHAN et al., 2014).

Em pacientes com câncer, os prognósticos se mostram mais favoráveis naqueles que aderem às intervenções musicais, uma vez que o controle da ansiedade, dor e fadiga é facilitado, levando a melhoras na qualidade de vida dos pacientes (BRADT et al., 2016). O incentivo a aderir a uma rotina de autocuidado que inclui música, provocado pelos profissionais de saúde em pacientes com câncer, também é descrito como um fator de melhora da esperança, da perseverança, do desenvolvimento de identidade e da capacidade de ajuste durante o tratamento, assim como nas fases que seguem essa terapêutica (O’CALLAGHAN; BARRY; THOMPSON, 2012).

Conclusão

É válido, portanto, associar a intervenção musical ao arsenal de tratamentos não medicamentosos disponível aos pacientes com diagnósticos de doenças potencialmente fatais, uma vez que as abordagens não medicamentosas já são bem consolidadas, e as possibilidades da intervenção musical são várias e já são aplicadas em outras áreas do cuidado médico, como o ambiente perioperatório, com grande sucesso. A intervenção musical tem sua aplicabilidade por ser não invasiva, segura e portátil, e por apresentar consequências holísticas na saúde. Além disso, a existência de um profissional que destoa das formalidades da equipe de saúde, mas que trabalha na



intervenção musical em prol da saúde, é vista de forma positiva pelos pacientes. Os processos cognitivos e identitários da experiência estética musical têm bases sólidas nas neurociências, e suas consequências são projetadas com alicerce na neurofisiologia e com observações permitidas pelo método observacional científico. Em suma, a intervenção musical é positiva na terapia, nos sintomas e no prognóstico de pacientes com diagnósticos de doenças potencialmente fatais.

Referências

BAKER, F.; BOR, W. Can Music Preference Indicate Mental Health Status in Young People? **Australasian Psychiatry**, v. 16, n. 4, p. 284–288, 2008.

BRADT, J. et al. Music interventions for improving psychological and physical outcomes in cancer patients. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 8, p. CD006911, 2016.

BRO, M. L. et al. **Kind of blue: A systematic review and meta-analysis of music interventions in cancer treatment** **Psycho-Oncology**, 2018.

CLARK, I. N.; BAKER, F. A.; TAYLOR, N. F. Older Adults' Music Listening Preferences to Support Physical Activity Following Cardiac Rehabilitation. **Journal of Music Therapy**, v. 53, n. 4, p. 364–397, 2016.

GALLAGHER, L. M.; LAGMAN, R.; RYBICKI, L. Outcomes of Music Therapy Interventions on Symptom Management in Palliative Medicine Patients. **American Journal of Hospice and Palliative Medicine**, v. 35, n. 2, p. 250–257, 2018.

GILET, A.-L. Procédures d'induction d'humeurs en laboratoire : une revue critique. **L'Encéphale**, v. 34, n. 3, p. 233–239, 2008.

GRAMAGLIA, C. et al. Outcomes of music therapy interventions in cancer patients—A review of the literature. **Critical Reviews in Oncology/Hematology**, v. 138, p. 241–254, 2019.

GRANT, P. C. et al. Family Caregiver Perspectives on End-of-Life Dreams and Visions during Bereavement: A Mixed Methods Approach. **Journal of Palliative Medicine**, p. jpm.2019.0093, 2019.

GREENBERG, D. M. et al. Musical Preferences are Linked to Cognitive Styles. **PLOS ONE**, v. 10, n. 7, p. e0131151, 2015.

HOLE, J. et al. Music as an aid for postoperative recovery in adults: a systematic review and meta-analysis. **The Lancet**, v. 386, n. 10004, p. 1659–1671, 2015.

JANATA, P. Neural basis of music perception. In: **Handbook of clinical neurology**. Elsevier: v. 129, p. 187–205, 2015.

JUSLIN, P. N. From everyday emotions to aesthetic emotions: Towards a unified theory of musical emotions. **Physics of Life Reviews**, v. 10, n. 3, p. 235–266, 2013.

KOELSCH, S. Investigating Emotion with Music: Neuroscientific Approaches. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1060, n. 1, p. 412–418, 2005.

KOELSCH, S. Towards a neural basis of music-evoked emotions. **Trends in Cognitive Sciences**, v.



14, n. 3, p. 131–137, 2010.

LEVY, K. et al. End-of-Life Dreams and Visions and Posttraumatic Growth: A Comparison Study. **Journal of Palliative Medicine**, p. jpm.2019.0269, 2019.

NAVE, G. et al. Musical Preferences Predict Personality: Evidence From Active Listening and Facebook Likes. **Psychological Science**, v. 29, n. 7, p. 1145–1158, 2018.

NIEMINEN, S. et al. The development of aesthetic responses to music and their underlying neural and psychological mechanisms. **Cortex**, v. 47, n. 9, p. 1138–1146, 2011.

O'CALLAGHAN, C.; BARRY, P.; THOMPSON, K. Music's relevance for adolescents and young adults with cancer: a constructivist research approach. **Supportive Care in Cancer**, v. 20, n. 4, p. 687–697, 2012.

O'CALLAGHAN, C. C. et al. "A quiet still voice that just touches": music's relevance for adults living with life-threatening cancer diagnoses. **Supportive care in cancer : official journal of the Multinational Association of Supportive Care in Cancer**, v. 22, n. 4, p. 1037–47, 2014.

RENTFROW, P. J.; GOLDBERG, L. R.; LEVITIN, D. J. The structure of musical preferences: A five-factor model. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 100, n. 6, p. 1139–1157, 2011.

SANCHEZ, L. et al. Long-term treatment for emotional distress in women with breast cancer. **European Journal of Oncology Nursing**, v. 42, p. 126–133, 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA., K. M.; COSTA JUNIOR, A. L.; ROLIM, G. S. **Temas em psicologia**. Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993. v. 18

WALLMARK, Z.; DEBLIECK, C.; IACOBONI, M. Neurophysiological Effects of Trait Empathy in Music Listening. **Frontiers in Behavioral Neuroscience**, v. 12, p. 66, 2018.

ZHANG, J. M. et al. Music interventions for psychological and physical outcomes in cancer: a systematic review and meta-analysis. **Supportive Care in Cancer**, v. 20, n. 12, p. 3043-3053, 2012.